

**Marginalização da crença:
as práticas de cura em Santa Catarina sob as diferentes óticas**

Pamella Amorim Liz*
pamella.liz@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O primeiro Código Penal Republicano do Brasil, datado de 11 de outubro de 1890, considerava como crime a prática do curandeirismo e do espiritismo sob os artigos 156 e 157 respectivamente, assim como na Constituição Brasileira de 1891, que sob os artigos 11 e 73, faziam-se as mesmas considerações sobre curandeirismo e espiritismo. É dentro deste contexto de criminalização das práticas de cura que este trabalho será fundamentado. O presente artigo tem como objetivo mostrar como as práticas de cura eram vistas pela população e imprensa catarinenses no início do século XX.

Palavras-chave: Código Penal; Curandeirismo; Charlatanismo; Imprensa.

Abstract: The first Republican Criminal Code of Brazil, dated of October 11, 1890, considered the practice of healers and spiritualism as crimes under articles 156 and 157 respectively. The Brazilian Constitution of 1891 made the same points about quackery and spiritism, under Articles 11 and 73. This work is based within such context of criminalization the practice of healing. The present article aims to show how the practices of healing were seen by the population and the press of Santa Catarina in the beginning of 20th century.

Keywords: Criminal Code; Quackery; Cheaters; Press.

Marginalizing belief:
healing practices in Santa Catarina through different perspectives

Desse modo, a imposição da autoridade cultural do saber médico-científico exigiu de seus representantes redobrado esforço para que pudessem estabelecer, com nitidez, a diferença entre a medicina acadêmica e a medicina popular¹

O Brasil do início do século XX passava por transformações urbanas e sociais alavancadas por epidemias e por uma postura cultural imposta desde a transferência da Família Real portuguesa junto com sua corte para o Brasil. A vontade de exhibir ao mundo a imagem de um país civilizado e próspero implicava principalmente transformações nas estruturas urbanas e nas mentalidades. E nesse contexto, algumas figuras seriam de grande importância para o cumprimento das metas sanitárias do período, dentre elas, o médico.

A medicina ganha grande destaque na política de governo dos estados, tornando-se fundamental a presença de um médico para identificar locais de perigo para a saúde pública.

* Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC;

¹ FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney et al. (orgs). *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 102.

Assim, o médico traz um novo olhar sobre as condições de vida na cidade, identificando desde a organização da cidade, até o descaso da administração pública com os cidadãos². Ao mesmo tempo em que era necessária a transformação estrutural, estética e civilizadora da cidade, surgiram alguns já conhecidos sujeitos – curandeiros, parteiras, boticários, cartomantes, práticos, sortistas, benzedeadas, padres, entre outros – que, no entanto, só ganhariam evidência nessa conjuntura de modificações em Florianópolis e, apesar disso, resistiram às mudanças e permaneceram no cenário da capital.

O presente artigo pretende mostrar como reagiram população, imprensa e comunidade médico-científica frente às práticas de cura realizadas em Santa Catarina após entrar em vigor o Código Penal de 1890 e a Constituição de 1891, que consideravam crime o curandeirismo e o espiritismo. No entanto, ainda dentro destas duas categorias criminalizadas, estava o charlatanismo, uma das maiores preocupações que a política médico-sanitária de Florianópolis precisava combater e outras tantas práticas de cura que, no decorrer do texto, serão explicadas. O artigo usa fontes documentais do período, bem como bibliografias específicas sobre o tema para fundamentar a pesquisa.

O charlatanismo³ em Florianópolis foi uma constante durante o final do século XIX e início do século XX, convivendo com a medicina oficial e demais práticas. Mesmo proibidas por lei⁴, as práticas de cura continuaram presentes no cotidiano da população.⁵ As práticas eram consideradas um mal para a cidade, insalubres, sendo assim, começaram a ser vigiadas. No entanto, essas práticas fizeram parte do cotidiano da cidade durante muito tempo e habitavam os mais diversos centros culturais e sociais, tendo em vista que médicos eram raros. Sendo assim, não poderiam ser extintas rapidamente tais práticas de cura, como diz Franklin Cascaes:

Todo mundo sabe disso [...] naquela época não havia médicos e recursos como hoje. As famílias viviam isoladas e por isso tinham que inventar seus remédios, além de conhecer a intimidade mesmo da natureza. [...] então eles

² MORAES, Laura do Nascimento Rótolo de. *Cães, Vento sul e Urubus: higienização e cura em Desterro/Florianópolis (1830-1913)*. 1999, 333p. Tese (Doutorado em História do Brasil) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p.100.

³ Entender charlatão como todo aquele que não realiza a medicina oficial e que “ilude” as pessoas com promessas de cura.

⁴ Os artigos 156 e 157 criminalizavam o curandeirismo e o espiritismo respectivamente no Código Penal de 1890 e sob os art. 11, parágrafo 2º o curandeirismo e art. 73, parágrafos 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 28º e 29º o espiritismo, na Constituição de 1891.

⁵ MORAES, L. Op. Cit., p.163.



recorriam a natureza. Havia muitos curandeiros e benzedoras que eram os médicos que atendiam pessoas doentes.⁶

Contudo, os charlatões se utilizavam de métodos diferentes aos empregados pelos médicos, com a “vantagem” de curar doenças que para a ciência médica não havia explicação, o que fez aumentar cada vez mais a “caça” ao charlatanismo. Apesar disso, deve-se considerar que as camadas populares conheciam e acreditavam nas práticas de cura, por isso, os charlatões continuam com seu “trabalho”. Segundo Cabral:

[...] para encobrir as suas atividades rentosas e ao mesmo tempo criminosas, fazendo os doentes perder tempo precioso na conquista da própria saúde, iludindo-se com promessas de curas impossíveis, enganando os desenganados, furtando aos incuráveis as últimas economias, em trocas de falácias, esperanças, encobrindo em resumo com roupas de piedade, tão do grado de toda gente, de toda a parte e de todos os tempos, a mais torpe das explorações.⁷

No entanto, é necessário ressaltar que dentro da medicina oficial, evidenciaram-se muitas terapias que provinham da medicina popular, fazendo com que a medicina tivesse que comprovar cientificamente estes procedimentos. Mas, segundo os médicos, essa medicina de leigos era falha já que era vaga, incerta e sujeita a erros.⁸

Outro elemento chave no combate ao charlatanismo é a imprensa, que apoiaria os médico-higienistas através de um discurso sobre os perigos dos curandeiros e o poder de persuasão destes charlatões. Segundo o discurso pregado pelos jornais, somente pessoas ignorantes, desqualificadas, pobres e manipuláveis – em sua maioria negros, o que demonstra o preconceito com certas camadas da população – consultariam essas pessoas. Aliás, a imprensa vai desqualificar tudo aquilo que possa denegrir a imagem de uma cidade civilizada e com novas normas de higiene, e isso inclui as pessoas que nela habitam.

Da mesma forma que os jornais denunciavam os charlatões, os periódicos científicos, como as Revistas de Medicina, procuravam mostrar aos leitores, na maioria leigos, as vantagens da medicina científica, fazendo assim, críticas aos costumes populares, que para os médicos, eram extremamente prejudiciais à saúde. Os artigos presentes nas revistas procuravam trazer aos leitores os mais diversos assuntos relacionados à saúde e medicina, tais

⁶ CARUSO, C. Raimundo. *Vida e cultura açoriana em Santa Catarina: 10 entrevistas com Franklin Cascaes*. Florianópolis: Cultura Catarinense, 1997. p.96-97. Apud MORAES, L. Op. Cit., p.164.

⁷ CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. 1. Notícia. 2. Memória. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p.117. Apud MORAES, L. Op. Cit., p.173.

⁸ FERREIRA, L. Op. Cit., p. 108-109.



como o perigo do misticismo, a inconveniência do uso de remédios secretos, o papel da medicina e os preconceitos existentes.⁹

Por isso os curandeiros passavam a ser vistos como o “outro” na sociedade, sendo necessária sua eliminação.¹⁰ Como Cascaes afirmou em sua entrevista, por muito tempo as práticas de cura estiveram presentes no dia a dia da população,¹¹ e esses curandeiros, místicos, práticos, benzedores, não viam a doença apenas como um mal do corpo, mas com algo também presente na alma. Podemos verificar que nas sociedades são desenvolvidos, singularmente em cada uma delas, sistemas de cura popular e, a partir disso, a crença nessas curas, já que são transmitidas oralmente, por gerações dentro de uma comunidade. E é exatamente isso que também ocorria em Florianópolis.

Um grande número de práticas de cura conviveu em Desterro/Florianópolis, durante os primeiros tempos, conjugando elementos advindos das culturas indígena, africana e européia; associando magia e empirismo. Esses hibridismos são próprios dessa sociedade e estão arraigados à vida cotidiana da população.¹²

Nas práticas de cura, os curadores eram pessoas comuns, que na sua maioria, ajudavam os parentes e amigos doentes. As práticas de que se tem registro são as mais diversas, desde benzeduras e homeopantias até remédios caseiros.

As benzedoras, através de rezas, palavras secretas e elementos da natureza – como ervas – pediam a cura e afastavam o mal. As benzeduras tinham como objetivo, aliviar, além das doenças, as preocupações do cotidiano difícil, geralmente relacionado com as condições materiais de subsistência.¹³ Quanto às sortistas, a bibliografia não especifica exatamente a função delas, diz apenas que eram consideradas pela elite catarinense como mulheres ignorantes e desocupadas, no entanto, apesar da elite criticar, muitas dessas sortistas recebiam o apoio de senhoras da sociedade na divulgação de seus serviços.

Assim como as benzedoras, os padres faziam curas em nome de Deus e, geralmente, as funções de padre e “médico” se associavam. Aqui em Florianópolis, essa situação ocorria geralmente em locais de baixa renda, na periferia, onde a presença de médicos era escassa e os recursos para remédios também. No entanto, não era o fato de ser um padre a fazer curas

⁹ Ibidem, p.115-116.

¹⁰ MORAES, L. Op. Cit., p. 179.

¹¹ Ver página 03.

¹² MORAES, L. Op. Cit., p. 190.

¹³ SOUZA, Laura de Mello. *O diabo na terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986. p. 246. Apud MORAES, L. Op. Cit., p.198.



que diminuía as acusações de curandeirismo. Contudo, vale ressaltar que como sacerdote, acreditava-se que o padre estava diretamente ligado com o divino, sabendo quais palavras proferir, qual ritual era necessário, atraindo assim, apenas os benefícios para cura e obtendo certo *status* entre a população.

De todas as pessoas ligadas às práticas de cura, a parteira foi uma das únicas funções que depois de um tempo recebeu o reconhecimento da comunidade médica. Inicialmente, as pessoas recorriam às parteiras para facilitar o trabalho de parto – nesse caso, elas também se utilizavam de rezas. Geralmente tinham conhecimento popular do uso de ervas, um aprendizado baseado na experiência, no entanto havia todo um processo de perseguição aos curandeiros e práticos. Contudo o trabalho das parteiras, como já foi dito anteriormente, foi institucionalizado, de forma que elas passaram a fazer cursos com os médicos licenciados, já que aqui não existia Escola de Medicina.

Em tempos de epidemia, o espiritismo teve um papel importante para a população carente que sofria com a *Hespanhola*, como mostra o Jornal *O Estado*:

A população pobre que não pode adquirir medicamentos nas farmácias, tem encontrado neste momento difícil o amparo, o auxílio sempre pronto dos sectários da doutrina espírita. O espiritismo demonstra mais uma vez o grande bem que pratica, a sua necessidade absoluta. Os nossos clínicos, em número limitado, já fatigados embora tenham a melhor das vontades não têm podido atender aos centenares de doentes da terrível hespanhola de modo que os núcleos espíritas funcionam como postos de saúde gratuitos; os centros espíritas nada cobram e nada recebem pelos remédios que entregam aos seus consultantes. Esta epidemia veio pôr em prova o valor enorme dos consultores espíritas, e demonstrar a necessidade de sua existência. [...] Bendita obra esta do Espiritismo, que, neste instante difícil patenteia sua extraordinária necessidade! Deus nosso Pai e Criador, quando permitiu que os vivos se comunicassem com os do Além, praticou um dos seus grandes atos em prol dos sofredores da Terra.¹⁴

No entanto, o discurso em favor do espiritismo nem sempre era este. Em uma nota do jornal *A Evolução*, eles relatam que uma espírita chamada Adelaide Moraes roubou 37\$000 de uma costureira. A espírita teria persuadido a costureira, dizendo-lhe que através de orações e invocações de espíritos, poderia livrar-lhe a casa de “grandes desgraças de que estava ameaçada”. No entanto, a polícia, que não acreditava em Alan Kardec e seus adeptos, conseguiu recuperar 20\$000 do valor que a espírita havia roubado e os devolveu à costureira.¹⁵

¹⁴ Jornal *O Estado*, Florianópolis, 31.out.1918. p.2. Apud MORAES, L. Op. Cit., p.220.

¹⁵ Jornal *A Evolução*, Lages, 27.set.1906. n° 45, ano 1.



Outra prática que se tornou comum no estado catarinense, foi a da homeopatia, que tem sua origem inicial no espiritismo, mas que, encontraria adeptos entre leigos e médicos mais tarde. Ela foi usada também por curandeiros no preparo de doses, mas principalmente, foi usada por boticários, boticas e licenciados. Nas boticas, as fórmulas eram manipuladas segundo o prescrito pelo médico ou cirurgião, e geralmente essas fórmulas eram em latim. Alguns curadores práticos que faziam uso da homeopatia e que, até certo momento, não cobravam por seus serviços ou remédios, passaram a cobrar:

AO PÚBLICO

José Martins da Silva Pereira, curador prático por homeopathia no Cerrito, deste município, declara ao público em geral e aos seus clientes em particular que, tendo prestado seus serviços e fornecido os medicamentos gratuitamente até esta data, está resolvido d'ora em diante não atender mais chamado algum sem a devida retribuição nem fornecer medicamentos que não sejam pagos no acto da entrega.

Lages, 27 de agosto de 1906.¹⁶

Há também o uso das plantas com fins curativos, mas fora do contexto de garrafadas, tônicos ou semelhantes. Era o uso da sabedoria popular utilizada por ricos, pobres, pessoas interioranas ou das cidades, fazendo dos chás remédios para alívio de dores e sintomas ou, até mesmo, para curar determinadas doenças. A maioria dos jornais trazia em seu interior, dicas de plantas para determinadas doenças e como utilizá-las.

Contudo, esses jornais que traziam dicas de remédios caseiros, eram os mesmos que notificavam em suas páginas, denunciando, as práticas não oficiais. Com isso, o que podemos perceber é uma certa cultura popular arraigada, e como no caso dos chás, seria algo inofensivo, diferente da atuação dos charlatães que faziam ou prescreviam remédios que não funcionavam, podiam matar, ou até funcionavam.

Ainda sobre os práticos, eles usavam muito as sanguessugas, que eram vendidas ou alugadas, e que podiam ser facilmente encontradas em barbearias e em anúncios:

Bichas
Aos Exms. Srs. Médicos
Acaba de chegar a barbearia denominada Petit Salon
De propriedade de J. Silva Vasconcellos
Um grande sortimento de ventosas e bichas hamburguesas, encarregando-se o mesmo de applical-as nas pessoas que delas necessitarem.
Praça 15 de Novembro nº 11.¹⁷

¹⁶ Jornal *A Evolução*, Lages, 30.ago.1906. nº 41, ano 1.



As sanguessugas eram usadas para os mais diversos fins terapêuticos, como "dores de cabeça as mais variadas, em focos inflamatórios, abscessos, furúnculos, antrazes, hepatites, febres biliosas, febre amarela, obstruções, e, provavelmente, também para outros males".¹⁸

Em relação às práticas de cura em Florianópolis, João Almeida tece o seguinte comentário:

E como não acreditar o contrário, quando se observa o mais revoltante charlatanismo que em bem poucos lugares do mundo se terá visto? E como acreditar o contrário, quando se observa o mais revoltante e perigoso charlatanismo que em bem poucos lugares do mundo se terá visto? Se tudo se limitasse a praticas absurdas e ridículas, podia-se encolher os ombros e seguir avante; mas não há somente benzedores, tiradores de quebranto, levantadores de espinhella cahida &; há cousas revoltantes.¹⁹

Na realidade, esforços não faltaram para acabar com os charlatães, tendo em vista as denúncias feitas pelos jornais e também pelos próprios médicos. No entanto, é necessário ressaltar que não só os pobres e ignorantes recorriam aos métodos alternativos e acreditavam em charlatães, tendo em vista que muitos da elite, na maioria mulheres, também faziam uso desses serviços.

Ainda, segundo Beatriz Teixeira Weber, num discurso a favor das práticas:

Nos vestígios que chegaram até nós, percebemos que os envolvidos nessas práticas não estavam apenas reagindo aos procedimentos impostos pela medicina científica. Muitas delas eram construções dos grupos sociais com elementos aos quais tinham acesso, segundo as crenças e rituais tradicionalmente conhecidos por eles. Não havia apenas reações ao controle dos saberes dominantes, mas uma produção/articulação própria de saberes, de acordo com a origem de cada um daqueles grupos ou de acordo com as possibilidades entrevistas por eles.²⁰

O que acontece, é que a elite intelectualizada, ou seja, jornais e médicos, tentavam alertar a população sobre os perigos de tais práticas de cura, ainda que, por trás do discurso do perigo, charlatanice, estivesse o interesse médico em fazer a população acreditar e confiar na ciência médica deixando de lado antigos hábitos da cultura popular de cura.

¹⁷ *Jornal do Commercio*, 8.jan.1891. n° 262, ano XI. p.03.

¹⁸ MORAES, L. Op. Cit., p.240.

¹⁹ ALMEIDA, João R. de, *Ensaio sobre a salubridade, estatística e patologia na Ilha de Santa Catarina e, em particular, da cidade do Desterro*. Desterro: (Mimeo), 1863. Apud MORAES, L. Op. Cit., p.242-243.

²⁰ WEBER, Beatriz Teixeira. Fragmentos de um mundo oculto, In: ___ **As artes de curar**: Religião, Magia e Positivismo na República Rio Grandense – 1889-1928. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC, 1999. P.179.



Apesar do constante avanço da ciência médica, as práticas de cura continuam presentes no cotidiano do catarinense. Um exemplo são os pacientes desenganados por médicos que procuram por curandeiros na busca de um tratamento alternativo para suas doenças. Isso não quer dizer que estes pacientes abandonam os remédios alopáticos prescritos pelos médicos; eles apenas procuram uma alternativa ao tratamento tradicional. Ainda assim, algumas pessoas preferem o uso apenas da medicina alternativa como aliada para cura. Contudo, o uso das práticas não se restringe ao uso medicinal, tendo em vista que a procura por "conselheiros espirituais" – como cartomantes, por exemplo – é algo corriqueiro para muitos. Portanto, é possível perceber a influência de todos os tipos de práticas de cura sobre a população catarinense, tanto como complemento em tratamentos, quanto como único meio de tratamento, ou ainda, como forma de aliviar os males da alma.

Referências bibliográficas

A Evolução. Lages, 27.set.1906. nº 45, ano 1.

A Evolução. Lages, 30.ago.1906. nº 41, ano 1.

Jornal do Commercio. 8.jan.1891. nº 262, ano XI. p.03.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney et al. (orgs). *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MORAES, Laura do Nascimento Rótolo de. *Cães, Vento sul e Urubus: higienização e cura em Desterro/Florianópolis (1830-1913)*. Tese (Doutorado em História do Brasil) Pontifícia Porto Alegre: Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999. 333p.

WEBER, Beatriz Teixeira. Fragmentos de um mundo oculto, In:___ *As artes de curar: Religião, Magia e Positivismo na República Rio Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC, 1999. P.179.

Recebido em 15 de janeiro de 2009.

Aceito para publicação em 6 de junho de 2012.

